

O complexo de vira-lata

Paulo Nogueira Batista jr¹

Um dos meus poucos méritos como colunista é o de ter desenterrado metáforas e expressões que me parecem vitais. A minha fonte preferida é Nelson Rodrigues, como o leitor talvez saiba. Posso dizer, sem falsa modéstia: sou um dos principais, talvez o principal responsável por ter recolocado em circulação algumas das imagens mais arrasadoras do grande cronista e dramaturgo.

Em certa época, a coisa foi longe demais. As pessoas só me liam na esperança de topar com as suas frases geniais. Os leitores chegavam a escrever reclamando: faz muito tempo que você não fala do Nelson Rodrigues! O autor tão citado obliterou completamente este modesto colunista.

Paciência. Ao longo dos anos, continuei repetindo obsessivamente as suas tiradas certeiras sobre o Brasil e os brasileiros.

Nada disso era gratuito ou arbitrário. Há duas formas de citar: a sincera e a insincera. A insincera é a que se faz por ostentação: recorre-se a um grande nome para demonstrar cultura — não raro, a fonte oculta é algum dicionário de citações. A citação sincera é aquela

¹ Economista e diretor-executivo pelo Brasil e mais oito países no Fundo Monetário Internacional, mas expressa os seus pontos de vista em caráter pessoal. Publicado em *O Globo* de 10/07/10, pag. 07.

que decorre de uma vibração interior, sentida quando do primeiro contato direto e autêntico com uma metáfora ou expressão. A citação de memória é, a meu ver, a mais autêntica de todas, pois ela reflete uma apropriação mais profunda — sob efeito do tempo e de fatores subjetivos a imagem vai sendo modificada e parcialmente recriada.

Cuidado, porém. Uma vez alguém me citou uma bela frase de uma escritora gaúcha: “o tempo não cura nada, apenas tira o incurável do centro das atenções.” Uma frase dessas vale vários volumes. Saí em busca dos textos da autora.

Não entendi nada. Os seus artigos e livros pareciam de uma trivialidade total. Nenhuma luz, nenhuma originalidade — era basicamente auto-ajuda com retoques de cultura barata. De repente, baixa uma luz. Dei uma busca na internet e depois de muito procurar — a frase sempre aparecia ligada à escritora gaúcha — apareceu num site que identificava um filósofo chamado Ludwig Marcuse como autor. Traduzi a frase para o alemão e verifiquei que, de fato, ela provinha da sua obra.

Lamentável. Mas, enfim, estou divagando. Eis o que queria dizer: uma das metáforas mais certeiras do Nelson Rodrigues é o “complexo de vira-lata”, traço típico da psicologia do brasileiro. De tão citada, ela acabou perdendo um pouco do seu viço original. Nem por isso perdeu a verdade que tem (ou tinha).

Há poucas semanas, a mais importante revista alemã, “Der Spiegel”, publicou reportagem de várias páginas a respeito do presidente

brasileiro, sob o título “Lula Superstar”. A certa altura, a reportagem escreve: “nos bastidores, Lula gosta de contar como ele levou os diplomatas brasileiros a superar o ‘complexo de vira-lata’; assim ele se refere ao complexo de inferioridade que muitos dos seus compatriotas sentiam até há pouco em relação a americanos e europeus.”

Veja, leitor, que na Alemanha a imagem do Nelson Rodrigues já é atribuída a Lula. Outro aspecto notável: segundo “Der Spiegel”, o referido complexo foi superado, ainda que apenas recentemente.

Não iria tão longe. O complexo de vira-lata tem raízes históricas, culturais, raciais muito mais profundas do que se pode imaginar. O presidente mencionou os diplomatas. Não sei se o Itamaraty se destaca nesse particular, mas realmente alguns dos nossos diplomatas ainda parecem cultivar a perspectiva do vira-latas.

Recentemente, um deles, chanceler no governo FHC, sugeriu que o Brasil abandone uma política externa supostamente antiamericana e se filie sem hesitações ao Ocidente “dos valores e princípios”. Ora, o Brasil não faz parte de ocidente nenhum. É um país que mistura quase de tudo. É Europa, mas também é África, Ásia, Oriente Médio. Tudo isso mesclado. O verdadeiro *melting pot* não são os EUA, mas o Brasil. O ex-chanceler, que se não me engano reside no Rio, precisa sair um pouco da Zona Sul e fazer uma visita urgente ao Brasil. Não precisa nem sair do bairro — a Zona sul não é e nunca foi parte do “Ocidente de valores e princípios”.

E ainda bem.